

Nietzsche, precursor da *Ritmanálise*? A recepção luso-brasileira do pensamento nietzschiano pelo *Filósofo fantasma* Lúcio Pinheiro dos Santos*

Geraldo Dias**

Resumo: Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (1889-1950), filósofo lusitano-brasileiro, tem suscitado renovado interesse na história da filosofia contemporânea. Por causa do desaparecimento de sua obra e da falta de informações a seu respeito, em torno da concepção denominada ritmanálise, laconicamente entendida como uma teoria desenvolvida por Gaston Bachelard e Henri Lefebvre, surgiu a questão de saber quem é, afinal, seu verdadeiro criador. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é desvelar um pouco da história de Lúcio Pinheiro, conhecido como filósofo fantasma, mostrar alguns registros, pistas e evidências da obra desaparecida, de sua movimentação editorial durante o período em que esteve exilado no Brasil (1927-1950), suas atividades cívico-políticas e, por fim, apontar que ele participou da recepção do pensamento de Nietzsche em duas perspectivas complementares: ao procurar dissociar o filósofo da propaganda nazifascista e ao situá-lo como precursor de sua doutrina da ritmanálise.

Palavras-chave: Lúcio Pinheiro dos Santos, Nietzsche, Ritmanálise, Recepção Luso-brasileira

Nietzsche, precursor of *Rhythmicanalysis*? The Luso-Brazilian reception of Nietzschean thought by the *Phantom Philosopher* Lúcio Pinheiro dos Santos

Abstract: Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (1889-1950), a Luso-Brazilian philosopher, has aroused renewed interest in the history of contemporary philosophy. Because of the disappearance of his work and the lack of information about him, around the conception called rhythmicanalysis, laconically understood as a theory developed by Gaston Bachelard and Henri Lefebvre, the question arose as to who is, after all, its true creator. In this sense, the objective of this paper is to reveal a little of the history of Lúcio Pinheiro, known as phantom philosopher, to show some records, clues and evidences of the disappeared work, of its editorial movement during the period in which it was exiled in Brazil (1927-1950), his civic-political activities and, finally, to point out that he participated in the reception of Nietzsche's thought in two complementary perspectives: in seeking to disassociate the philosopher from nazi-fascist propaganda and to situate him as precursor of his doctrine of rhythmicanalysis.

Keywords: Lúcio Pinheiro dos Santos, Nietzsche, rhythmicanalysis, Luso-Brazilian Reception

* Título e resumo aprovados pela **Sociedade Portuguesa de Filosofia** como prévia de comunicação a ser apresentada no **2º Congresso Português de Filosofia**, realizado na **Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, nos dias 8 e 9 de Setembro de 2016.

** Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). São Paulo, SP, Brasil. Contato: g.dias@unifesp.br.

Introdução

Um esquecido e misterioso filósofo luso-brasileiro, chamado Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, tem suscitado renovado interesse internacional na historiografia filosófica das últimas décadas. De forma um tanto bizarra, tem sido divulgado por meio de epítetos pejorativos, tais como: “filósofo brasileiro fantasma”, “filósofo sem obra”, ou, simplesmente, “filósofo fantasma”. A razão disso estaria no fato de não ter deixado rastros de quem foi e ser, vagamente, identificado como autor de uma obra desaparecida, intitulada *Ritmanálise*. Desta, teria restado apenas uma breve síntese do material que a compunha, enviado pelo autor a Gaston Bachelard, que transcreveu partes desse material em seu livro *La dialectique de la durée*, de 1936.

No Brasil, no final da década de 1990, motivado pelos incidentes biográficos e editoriais ocorridos com Lúcio Pinheiro, Jorge Jaime lhe atribui o epíteto de “filósofo ‘brasileiro’ fantasma”. Precipitadamente, deplora que ele “Nenhum vestígio deixou sobre a sua passagem sobre a terra brasileira”. Se propôs, ainda assim, a “entender o que nos ensina este ‘brasileiro’ através da única fonte onde se situa: o livro *A dialética da duração*”, transcrevendo para o seu manual de filosofia a introdução e o que chama de “resumo – feito por Bachelard”, na tradução de Marcelo Coelho, para a editora Ática, edição de 1988. Entretanto, equivocadamente, Jorge Jaime conclui que “Esse fantasma pátrio existe tão somente dentro dessas páginas do filósofo francês”¹.

De maneira mais prudente e criteriosa, Pedro Baptista bem alertou sobre os escritos de Lúcio Pinheiro “imersos em qualquer nebulosa pudicícia”². E, de fato, há uma considerável quantidade de material publicado por Lúcio Pinheiro dos Santos na imprensa brasileira, atualmente disponível e à espera dos especialistas e interessados, precisamente, numa “nebulosa”³.

Quanto à tarefa de reconstituir a concepção central de sua obra, na Europa, o pesquisador Rodrigo Sobral Cunha procurou investigar e recompor *O essencial sobre*

¹ JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*. vol. 2. Petrópolis, RJ: Vozes; SP: Faculdade Salesianas, 1997, 424.

² BAPTISTA, Pedro. *O Filósofo fantasma – Lúcio Pinheiro dos Santos*. Portugal, Zéfiro, 1ª edição, 2010, p. 20.

³ Os materiais a respeito de Lúcio Pinheiro dos Santos aqui examinados foram descobertos no Portal da Fundação Biblioteca Nacional: <http://bndigital.bn.gov.br/>. O portal disponibiliza considerável quantidade de documentos; é um banco de dados ainda pouco explorado; oferece ao pesquisador, dentre outras, a possibilidade de investigar a Recepção Luso-brasileira da Filosofia de Nietzsche, seja, por exemplo, por meio da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (*Optical Character Recognition – OCR*), que proporciona enorme alcance ao pesquisador na pesquisa textual em periódicos e livros digitalizados. Com esse recurso, foi possível investigar com precisão a incidência do neologismo “ritmanálise”, do nome “Lúcio Pinheiro dos Santos”, etc.

Nietzsche, precursor da Ritmanálise? A recepção luso-brasileira do pensamento nietzschiano pelo Filósofo fantasma Lúcio Pinheiro dos Santos

*Ritmanálise*⁴. Para tanto, traduziu o capítulo VIII de *La dialectique de la durée*, intitulado *La Rythmanalyse* e investigou a gênese do conceito em sintonia com a filosofia do ritmo portuguesa, desde a monadologia rítmica de Leonardo Coimbra até chegar a *Ritmanálise* de Lúcio Pinheiro⁵. Já o escritor e pesquisador Pedro Baptista, no livro *O Filósofo fantasma*, realizou uma cuidadosa análise histórico-biográfica, juntamente com uma tradução da *Ritmanálise* “de acordo com a narração crítica de Gaston Bachelard do texto de Lúcio Pinheiro dos Santos; tradução da Introdução e do Capítulo VIII de “La Dialectique de La Durée, na sua 1ª edição”, de 1936; deu a conhecer parte da correspondência de Lúcio; além de entrevistas; resenhas e textos de juventude; artigos que circularam em diários do Rio; sua comunicação (intitulada *A Filosofia do momento actual*) apresentada no Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, promovido pela Associação Brasileira de Escritores – ABDE, em São Paulo, entre 22 e 27 de janeiro de 1945; e testemunhos dos seus contemporâneos, como Leonardo Coimbra⁶.

No que concerne a gênese da concepção da ritmanálise, depois de Bachelard, outro autor decisivo para a sua difusão foi o filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, que a desenvolve e a aplica, entre outras coisas, como método para analisar os ritmos do espaço urbano e seus efeitos sobre os habitantes. Ele dialoga diretamente com Lúcio Pinheiro no livro *Éléments de Rythmanalyse*, mais precisamente na passagem chave sobre a origem e o autor da concepção da ritmanálise, à qual Lefebvre afirma que os

Filósofos (incluindo Nietzsche, o filósofo-poeta), só pressagiaram a importância do ritmo. É a partir de um Português, Dos Santos, que Bachelard, em *La psychanalyse du feu*, toma de empréstimo a palavra “rythmanalyse”, embora sem desenvolver o significado mais do que fez Dos Santos. No entanto, o conceito de ritmo, portanto, o projeto rythmanalytique, emerge pouco a pouco das sombras⁷.

Com essa e mais outras referências, Lefebvre “tornaria mundialmente famoso o nome da ritmanálise”, “à qual quer Lúcio Pinheiro dos Santos quer Gaston Bachelard, segundo escreve, não teriam feito mais do que alusões”⁸. A partir dele, as referências se multiplicam e abrangem diferentes áreas do saber, como a física, a sociologia urbana e a

⁴ CUNHA, Rodrigo Sobral. *O essencial sobre Ritmanálise*. Portugal, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.

⁵ CUNHA, Rodrigo Sobral. *Gaston BACHELARD, La rythmanalyse*. Tradução de Rodrigo Sobral Cunha, precedida do estudo *A Filosofia do Ritmo Portuguesa: da Monadologia Rítmica de Leonardo Coimbra a Lúcio Pinheiro dos Santos e a Ritmanálise*. In: *Philosophica*, n. 31, Lisboa, 2008.

⁶ BAPTISTA, 2010 Op. Cit., p. 145.

⁷ LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*. Editions Syllepse, 1992, p. 18.

⁸ CUNHA, 2012 Op. Cit., página p. 06.

psicologia. E isso ocorre, em parte, por conta da repercussão de sua realização do projeto “rythmanalytique”, anunciado no terceiro tomo da *Critique de la vie quotidienne*, de 1981. Contudo, as linhas diretrizes do projeto só seriam desenvolvidas plenamente no livro *Éléments de rythmanalyse. Introduction à la connaissance des rythmes*, de 1992. Em dois artigos anteriores, porém, Lefebvre já trata da ritmanálise em “Le projet rythmanalytique”, de 1985 e “l'Essai de rythmanalyse des villes méditerranéennes”, de 1986, publicados em parceria com sua mulher, Catherine Régulier⁹.

À parte a definição e o alcance da concepção de ritmanálise, constata-se que da produção de Lefebvre adiante avulta um campo de disputa de sua paternidade. Lefebvre é o primeiro a reivindicá-la para si, muito embora Bachelard já tivesse admitido pertencer a Lúcio Pinheiro. Entretanto, como o único livro de Lúcio Pinheiro, a *Ritmanálise*, desapareceu, a disputa permanece. Não obstante, Sobral Cunha chega a falar “da usurpação do conceito operada pelo historiador e sociólogo Henri Lefebvre no livro póstumo *Éléments de Rythmanalyse* (Paris, Sylleps, 1992)”. Protesta que nesse livro ele se propôs “dar conteúdo ao conceito de ritmanálise”, alegando que “nem Lúcio Pinheiro dos Santos nem Gaston Bachelard” o “teriam desenvolvido”, e “(quanto aos filósofos anteriores a ele, Lefebvre, “apenas pressentiram a importância do ritmo”)¹⁰.

Frente a enorme quantidade de materiais que empregam o conceito, surge a questão de saber quem é, afinal, o verdadeiro autor da concepção de ritmanálise. Por essa razão, e a fim de contribuir para a história da recepção luso-brasileira do pensamento de Nietzsche, desvelo aqui um pouco da trajetória intelectual do autor da obra *Ritmanálise*, de suas atividades cívico-políticas e de sua movimentação editorial. Para tanto, recorro a alguns de seus textos, bem como a notícias e registros publicados a seu respeito na imprensa brasileira. Para que não reste dúvida de que o conceito e a concepção de ritmanálise é da autoria de Lúcio Pinheiro dos Santos, apresento evidências e registros que comprovam que sua obra chegou a ser disponibilizada à venda e, por fim, destaco que ele recepcionou o pensamento nietzschiano no Brasil em duas perspectivas complementadoras: ao tomar parte num acirrado debate, no qual procura afastar o filósofo da propaganda nazifascista, e ao situá-lo como precursor de sua concepção de ritmanálise.

⁹ RÉGULIER, Catherine e LEFEBVRE. *Le projet rythmanalytique*. In: *Communications*, n. 41, 1985.

¹⁰ CUNHA, 2008, Op. Cit., página p. 167.

1. Registros, pistas e evidências da obra desaparecida

A seguir, exponho alguns vestígios, pistas e esclarecimentos sobre a obra desaparecida de Lúcio Pinheiro dos Santos. Para tanto, recorro a informações colhidas na imprensa carioca do período de 1931 a 1950.

Era procedimento comum nos diários da época anúncios de conferências, palestras e eventos acadêmicos, artísticos, políticos e sociais, às vezes acompanhado de apresentações e resumos dos conteúdos anunciados. Referente ao nosso filósofo luso-brasileiro, encontra-se no *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, a 22 de setembro de 1931, o anúncio da seguinte conferência: “O professor Lúcio dos Santos, da Universidade do Porto, fará, na Sociedade de Estudos de Psicologia e Filosofia, na próxima quinta-feira, às 17 horas, uma conferência sobre a ritmanálise [...]”¹¹.

A Sociedade de Estudos de Filosofia e Psicologia chegou a ser presidida e dirigida por Lúcio P. dos Santos, tendo com ele alcançado renome por causa de suas publicações na imprensa e por seu ativismo político. Acerca de sua obra filosófica não encontrada ou dada por perdida, a *Ritmanálise*, encontra-se várias pistas e informações expostas na seção denominada “Conferências”, do diário carioca *O Jornal*. Uma delas, datada de 12 de julho de 1931, anuncia: “Estão em distribuição os fascículos mimeografados das lições de Filosofia do professor Lúcio A. dos Santos: “A Ritmanálise e o homem””¹². Outro anúncio, mais extenso, datado do dia 1^a de setembro de 1931, ler-se:

Realizar-se-á na quinta-feira, 3 do corrente, às 17 horas, a conferência do prof. Lúcio dos Santos, da Universidade do Porto, sobre: “A infância eterna” de Leonardo da Vinci (Posição da Ritmanálise perante a Psicanálise), na sede da Sociedade de Estudos de Psicologia e Filosofia, a rua Alcindo Guanabara, 5 – 2^o andar (Studio Nicolas). Na semana seguinte o prof. Lúcio dos Santos fará outra conferência, subordinada ao mesmo título, em continuação¹³.

Ainda no mesmo diário, na data de 21 de outubro de 1931, anuncia-se a seguinte conferência, seguida de uma breve descrição prévia:

O professor Lúcio dos Santos, da Universidade do Porto, realizará na Sociedade de Estudos de Psicologia e Filosofia (Studio Nicolas), amanhã, às 17 horas, uma conferência sobre: “Solução criacionista do problema sociológico”, para a qual foi elaborado o seguinte sumário:
– Criação e nascimento do Brasil, a virtude eficaz do amor negro; Grécia e Portugal, na criação do Velho Mundo; discussão do problema sociológico: a “sociologia relacionista”, de Von Wiese e a “sociologia compreensiva” de Max Weber; solução da Ritmanálise ao

¹¹ ANÚNCIO, “Conferência”, in: *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 1931, p. 04.

¹² ANÚNCIO, “Conferência”, in: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 12/07/1931, p. 14.

¹³ ANÚNCIO, “Conferência”, in: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 01/09/1931, p. 12.

problema sociológico: a evolução criadora na ordem social e a técnica de observação da realidade psicológica¹⁴.

Esse mesmo diário, em outro registro significativo acerca da obra perdida de Lúcio P. dos Santos, informa e confirma que ela de fato circulou, pelo menos na forma de “fascículos”. O registro, datado de 1^a de novembro de 1931, anuncia que

Os fascículos da publicação da S. E. P. F. sobre a “Ritmanálise”, do professor Lúcio dos Santos, que acaba de fazer uma série de conferências sobre: “A lição de Leonardo e o panorama criacionista do Brasil e da América”, poderão ser adquiridos pelo preço de 10\$ em sua sede, às segundas e quintas-feiras, das 17 horas em diante, sendo atendidos também pedidos por correspondência¹⁵.

Foram, provavelmente, exemplares desses “fascículos” que Lúcio dos Santos enviou a Bachelard. Hoje, infelizmente, todos são dados como desaparecidos.

2. Artigos e ensaios de Lúcio Pinheiro dos Santos sobre a Ritmanálise

É possível afirmar que a emergência da doutrina da *Ritmanálise* esteja relacionada ao uso dessa palavra, enquanto neologismo, para a língua portuguesa. No Brasil, esse neologismo aparece unicamente em artigos e ensaios assinados por Lúcio Pinheiro dos Santos, publicados na imprensa carioca. Nota-se que a concepção de ritmanálise desenvolvida pelo autor aponta para uma fenomenologia do ritmo, numa perspectiva epistemológica e filosófico-cosmológica, capaz de dialogar de perto com domínios científicos fundamentais, como a física quântica, a psicologia, a química, a psicanálise freudiana e a biologia.

Num artigo publicado no *Correio da Manhã*, no ano de 1942, Lúcio discorre sobre os seus primeiros estudos, na França, quando do renascimento da filosofia, com Bergson, em 1911. Relembra que, juntamente com Bachelard, procurou “Estabelecer metafisicamente, – contra a tese bergsonista da continuidade – a existência de movimentos negativos de *duração*”. Revela, então, a gênese de sua doutrina: tudo teria começado quando buscava dar uma “solução filosófica para o problema do tempo” enquanto crítica à filosofia de Bergson. Contra “a [sua] tese unilateral da continuidade do tempo”, contestava que esta não bastava: “pois, a partir de uma temporalidade caracterizada como forma *apriori*”, passa a sustentar que “é preciso tomar como base uma

¹⁴ ANÚNCIO, “Conferência”, in: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21/10/1931, p. 13.

¹⁵ ANÚNCIO, “Conferência”, in: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 01/11/1931, p. 08.

alternativa temporal, um “ritmo”, que se deixa analisar, em ritmanálise, por duas constatações contrárias que renovam o problema do “ser ou não ser”¹⁶.

Mais detidamente, analiso a seguir três ensaios nos quais Lúcio Pinheiro dos Santos aborda a concepção de ritmanálise diretamente: o primeiro intitulado *Novos problemas*; o segundo intitulado, precisamente, *Ritmanálise*; e o terceiro intitulado *Ritmanálise e Psicanálise*. Todos foram publicados em diários do Rio de Janeiro, no início da década de 1940.

No ensaio intitulado *Novos problemas*, o filósofo luso-brasileiro é bem preciso quanto ao sentido do termo *Ritmanálise* e à existência da obra homônima, revelando que nela apresentou seus estudos de “fenomenologia rítmica”. A tese central investida no texto é a da “concepção moderníssima do organismo vivo como centro “recuperador” de energias temporais”, que lhe permite transitar da “teoria rítmica” em biologia até o “problema da alimentação”, passando por questões inovadoras para a época, como o cuidado de organizar a produção agrícola, a relevância “da organização da Comissão de Alimentação das Nações Unidas”, entre outras. O ensaio, no qual o autor é identificado como “(Antigo Prof. de Filosofia da Univ. do Porto)”, foi escrito em caráter “Especial para o Diário Carioca”, e publicado no dia 11 de novembro de 1943, ocupando mais de uma página do jornal. Ao longo do ensaio, dialoga com autores clássicos da filosofia e renomados cientistas da época. Defende, contra a tradição filosófica, que um “organismo vivo” pode ser compreendido como um “sistema aberto de recuperação rítmica de níveis quânticos de energia funcional”, sendo assim antes uma “unidade funcional” e não uma substância”. Argumenta que o ponto central de sua fenomenologia rítmica é levar em conta que “O problema inicial não é tanto saber como a matéria “vibra”, mas saber como a “vibração” pode tomar aspectos materiais”. Nessa senda, afiança que “Esta nova doutrina da relação da substância e do tempo”, ou seja, a sua “Ritmanálise”, “apresenta-se sob uma luz metafísica completamente nova: não é o caso de dizer que a substância se manifesta sob a forma de ritmo; mas, sim, de dizer que é o ritmo regular em sua essência, que aparece sob a forma de atributo material **determinado**”¹⁷.

Para uma reflexão mais detida, segue um trecho do ensaio:

Nada mais próprio para marcar a diferença entre um século de análise destruidora, necessária e poderosa, como foi o século XIX, e o século de síntese criadora, que é o século atual, do que a concepção moderníssima do organismo vivo como centro

¹⁶ SANTOS. “Os helenistas ingleses”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 08/02/1942, p. 23.

¹⁷ SANTOS. “Novos problemas”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 14/11/1943, p. 2.

“recuperador” de energias temporais [...]. Um organismo vivo, contrariando o “mecanismo” dos séculos passados, não é um “sistema fechado”, de uniformidade temporal, como é o motor; é um processo de crescimento, segundo uma lei de probabilidades, servido por uma correlação de sistemas, cada um obedecendo à lei da sua entropia, e renovando-se em ciclos, constituindo assim, a exemplo do pendulo, um sistema aberto de recuperação rítmica de níveis quânticos de energia funcional. Na “unidade funcional”, e não na substância, assenta a base do novo realismo [...]. O crescimento da vida é um processo livre de uma evolução criadora, reproduzindo-se de si mesma, numa harmonia de ritmos temporais, sobrepostos, que se desenvolvem de dentro da harmonia dos ritmos do conjunto das relações do universo [...]. Os ritmos harmônicos da energia de vibração são os “organizadores” do crescimento da vida formando estruturas temporais em acordo com o “sentido” das probabilidades do processo criacionista. Quando, em nossos trabalhos de fenomenologia rítmica, Ritmanálise, ensaiamos a crítica da substância e vimos aceitos os fundamentos de uma biologia ondulatória ou quântica, proposta por nós em 1930, ainda se podia escrever: “Seja qual for a decisão do laboratório, o que é certo, desde já, é que o esforço de pensamento representado pela Ritmanálise cabe o mérito de ter mostrado o caráter verdadeiramente primordial da **vibração** posta mesmo na base da vida”. Desde, então, porém, toda a experimentação se tem dirigido, de todos os pontos, em linhas convergentes, para a verificação da fenomenologia rítmica, em psicologia e em biologia, e, muito particularmente, para a verificação das bases científicas da biologia ondulatória¹⁸.

Já no artigo intitulado *Ritmanálise*, publicado no diário carioca *O Jornal*, a 15 de julho de 1945, o neologismo aparece em letras garrafais, precedido pelo título da seção do diário dedicada à “Ciência e Psicologia”. Nesse artigo, numa perspectiva psicológica, Lúcio Pinheiro caracteriza a sua concepção ritmanalítica como uma psicologia do lirismo criador, e que corresponde, como exemplifica, ao estado lírico da alegria criadora de *Assim falava Zarathustra*. Nessa direção, Lúcio Pinheiro inicia o texto afirmando:

Na zona poética do “repouso ativo” da suspensão do espírito, acima das necessidades imediatas da vida, o espírito não se satisfaz com os dons gratuitos da razão, nem com os dons gratuitos das horas vividas. A alegria quer-se a si mesma como uma conquista, e por isso vale a pena. A própria serenidade se quer a si mesma como uma conquista. Assim falava Zarathustra: “A alegria quer a eternidade de **todas** as coisas, quer a profunda Eternidade. Porque eu te amo, ó Eternidade!” Este repouso ativo, este repouso vibrado, corresponde ao estado lírico; e exige do estado lírico a exatidão matemática do pensamento. O lirismo não é a tradução intelectual, um pouco fria, da vida lírica, mas o encadeamento físico de uma vida espiritual e criadora que, impondo-se a lei necessária de depuração de um “ascetismo entusiasta”, que era já lei dos Antigos, transporta o homem no além de si mesmo, e transporta o sábio no “lirismo exato” da invenção e da descoberta. É desta animação que dão à alma as sínteses criadoras, que vem ao homem a serena claridade do espírito. Na vida comum e humana, o lirismo é um mito que embala, um complexo que nos liga ao imaginário da nossa infância, ligando-nos a impulsão original da nossa criação para prolongar ao infinito “na criação espiritual” da figura do Homem sempre renovado; e em nós mesmos, como imagem de uma infância recuperada, uma infância sempre possível, abrindo diante de nossos sonhos um futuro indefinido. Assim, o homem envelhecido, como Leonardo, conversa a **infância eterna** de todos os renascimentos [...]¹⁹.

¹⁸ SANTOS, Op. Cit., p. 02.

¹⁹ SANTOS. “Ritmanálise”. In: *O Jornal*. Rio de Janeiro, 15/07/1945, p. 1-2.

O título do escrito não deixa dúvida quanto ao tema anunciado: “Ritmanálise”. No entanto, o leitor poderia de imediato se perguntar o que significaria ou designaria exatamente o vocábulo, uma vez que não é evidente; trata-se, não esqueçamos, de um neologismo, difundido, aliás, em nossa língua luso-brasileira, unicamente por Lúcio Pinheiro dos Santos, através da imprensa carioca e por meio de sua limitada movimentação editorial.

Outro texto, significativo para o problema de saber a quem pertence a concepção de ritmanálise, bem como para a sua definição e abrangência, intitula-se *Ritmanálise e Psicanálise*, publicado na seção “Ciência e Psicologia”, do diário *O Jornal*, a 29 de julho de 1945. É mais um escrito de Lúcio Pinheiro que tem mais a forma de um ensaio do que propriamente de artigo de jornal, não apenas por ser mais longo do que os artigos confinados às estrições das colunas dos tabloides, mas principalmente pelo teor conceitual e rigor metodológico do autor, que se esforça na tentativa de expor sua “doutrina” da Ritmanálise em face da psicanálise de Freud. Acerca da extensão e andamento de sua doutrina, afirma “que vai da filosofia científica à filosofia moral, e à qual Bachelard, da Sorbonne, tem dado os necessários desenvolvimentos”. No ensaio, faz referência explícita à sua própria obra e expõe, sucintamente, as linhas gerais de sua “doutrina”:

Em nosso trabalho expusemos uma Ritmanálise, a doutrina de uma fenomenologia rítmica, nos terrenos da física, da biologia e da psicologia, acompanhando os processos modernos da Física matemática; e apresentamos essa doutrina como uma disciplina interior à vida livre do espírito criador favorecendo a regeneração dos poderes originais do espírito e favorecendo novos e fecundos *élans* espirituais. Isto, por cima de séculos de desvio, aproxima-nos, de novo, do pensamento da Grécia e ilumina a inteligência da mitologia como arte de símbolos poéticos em sua ordenação mágica, nos espelhos da imaginação criadora, apresentando-os um modelo clássico de uma psicologia temporal, em níveis sobrepostos. Nesta luz, os complexos são mais compreensíveis e representam figuras psicológicas mais dignas do homem que, em sua tragédia viva, aspira à grandeza poética, confrontando-se com os mitos, e aspira à maior altura da consciência humana e no homem se reúne a verdade de todos os homens. E esta aspiração vale humanamente mais, infinitamente mais, que o convencimento sacerdotal ou a suficiência do científico e do professoral dos escolares graduados. A que aspira o homem senão a exceder-se procurando exceder-se em beleza moral e poética?²⁰.

Lúcio Pinheiro conclui o ensaio asseverando que a sua “Ritmanálise” se configura como “uma nova reflexão filosófica sobre o Tempo”, capaz de abrir caminho para novos trabalhos de “investigação filosófica” e novas “reflexões epistemológicas”²¹.

²⁰ SANTOS, “Ritmanálise e Psicanálise”. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29/7/1945, p. 02.

²¹ SANTOS, Op. Cit., p. 07.

Esses três escritos afastam as dúvidas suscitadas pela declaração de Lefebvre, segundo à qual os filósofos antes dele apenas teriam pressagiado “a importância do ritmo”, despontando, entre eles, justamente, Nietzsche, Bachelard e Lúcio Pinheiro dos Santos. Esta pequena amostra da movimentação editorial de Lúcio Pinheiro, quase totalmente restrita aos leitores dos diários e periódicos do Rio, revela que de fato é “a partir de um Português, Dos Santos”, que aparece em nossa língua a palavra e a concepção filosófica e psicológica denominada Ritmanálise.

Se juntássemos todos os escritos de Lúcio Pinheiro dos Santos espalhados pelas “nebulosas” do mundo virtual, notaríamos que ele desenvolveu diversas reflexões filosóficas sobre o que denominou como Ritmanálise. Notaríamos ainda que sua filosofia foi impedida de nascer plenamente, sobretudo por causa das perturbações do momento histórico hostil em que viveu. Seus ensaios e artigos, após e mesmo imediatamente a publicação, eram logo sobrepostos pelas sombras conservadoras, sucumbiam soterrados pela situação política nacional e internacional; especialmente a ditadura salazarista, que lhe impedia de retornar à Portugal.

3. Registros e notícias das atividades cívico-políticas de Lúcio Pinheiro dos Santos no Brasil

Quanto ao seu ativismo político, no Brasil, Lúcio Pinheiro dos Santos participou vivamente de várias entidades e associações cívico-políticas. Desde o primeiro momento em que pisa os pés em terras brasileiras, combate de forma veemente o autoritarismo instalado em seu país de origem; fortalece a fraternidade democrática luso-brasileira e luta incessantemente pela restauração da democracia em Portugal. Entre as muitas atividades, acompanha e se manifesta na “*Frente de Unidade Antifascista dos Portugueses no Brasil*”²²; publica, com frequência, textos em que se posiciona contra o autoritarismo salazarista, como fez no artigo *O mundo contra o salazarismo*, publicado no jornal carioca a *Tribuna Popular*, a 18 de janeiro de 1946²³; participa de comícios e reuniões, possui, enfim, uma agente política de atuação combativa.

Na *Revista da Semana*, encontra-se páginas que noticiam as atividades políticas de Lúcio Pinheiro, como ocorre na edição de 28 de abril de 1945. Lúcio Pinheiro também

²² ANÚNCIO. “*Manifesta-se a Frente de Unidade Antifascista dos Portugueses no Brasil*”. In: *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 20/09/1945, p. 08.

²³ SANTOS, “O mundo contra o salazarismo”, In: *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 18/01/1946, p. 03.

manteve atividades na “Sociedade dos Amigos da Democracia Portuguesa”. O *Correio da Manhã*, a 13 de setembro de 1945, traz notícias sobre sua participação na cerimônia de instalação e nas reuniões daí adiante realizadas. Na solenidade de instalação, ocorrida no dia 15 daquele mês, na “Associação Brasileira de Imprensa”, em sessão pública, Lúcio falou “em nome dos Portugueses antifascistas”. Em outras ocasiões, como “reuniões” e “comícios”, aparece na “posição de chefe”, então “eleito” para dirigir a Associação, era também conhecido como “o dr. Lúcio Pinheiro dos Santos”.

A partir do ano de 1945, com o fim da segunda Guerra, o enfraquecimento e fim da ditadura Vargas e a redemocratização brasileira, as atividades políticas de Lúcio aumentam significativamente e suas esperanças de retornar à terra natal se renovam.

Pode-se acompanhar, nas páginas do jornal *A Tribuna Popular*, RJ, a luta de Lúcio Pinheiro pela restauração da democracia em Portugal. Ele coordenou reuniões da “Liga dos portugueses Antifascistas”, tal como a que ocorreu “na União Nacional dos Estudantes”, no dia 16 de agosto de 1945, na qual “resolveu a assembleia organizar uma campanha sistemática em prol da restauração do regime democrático em sua pátria”²⁴. Fez, investido da posição de “presidente do Comité da Frente de União Antifascista dos Portugueses do Brasil”, diversas declarações no diário *A Tribuna Popular*.

Malgrado a sua luta, ele não conseguiu retornar para Portugal, uma vez que a ditadura salazarista se manteve no poder por mais tempo do que duraria a sua vida, terminada no exílio, em 1950.

O Diário da Noite, a 16 de novembro de 1950, anuncia o falecimento do “professor Lúcio dos Santos”, saudando-o como “nome de destaque nos meios culturais do Brasil e Portugal”. Trata brevemente de sua biografia, de sua formação “em Filosofia pela Sorbonne”, de suas realizações políticas e atividade docente na Universidade do Porto; faz lembrar, para concluir, que “Por motivos políticos exilou-se no Brasil” e que desde então, como “Ensaísta de mérito, colaborou na imprensa brasileira, sobretudo no período da segunda Guerra Mundial, quando publicou no Rio, uma série de estudos sobre a causa das Nações Unidas”²⁵.

Se não foi um fim heroico, como foi o de Sócrates, também não foi o testemunho de um fracasso, muito ao contrário, tal como o filósofo grego, Lúcio P. dos Santos lutava por um direito primordial da humanidade: a liberdade de pensamento; lutava, por isso,

²⁴ ANÚNCIO. In: *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 13/11/1945, p. 01.

²⁵ ANÚNCIO. “Faleceu o professor Lúcio dos Santos”. In: *Diário da Noite*, RJ, 16/1/1950, p. 33.

contra as tiranias, queria outro ritmo civilizacional, queria a vontade de potência criadora. Tanto que sua atuação política foi bastante abrangente, indo do ato público de protesto por meio do discurso à defesa de ideias no campo psicanalítico, moral, estético, científico e filosófico. De tal maneira que, em meio a um contexto que teimava em comprometer o pensamento de Nietzsche com o nazifascismo, tanto no Brasil quanto na Europa, Lúcio Pinheiro, ao lado de intelectuais brasileiros como Florestan Fernandes e Antonio Candido, procurou indicar caminhos para uma reabilitação de sua obra e como precursor de sua doutrina.

4. Nietzsche, precursor da Ritmanálise?

Como já se pode observar, Lúcio Pinheiro dos Santos acolheu o pensamento de Nietzsche em sua produção ensaística, divulgada nos diários e periódicos brasileiros, inserindo-se, de forma proeminente, num amplo e intenso debate. Debate formado, de um lado, por intelectuais que vinculavam o nome do filósofo ao nazifascismo e, de outro lado, por intelectuais que o defendiam das apropriações políticas equivocadas de seu pensamento. Nietzsche comparece em vários dos seus textos espalhados pela imprensa, às vezes, em diários de alcance nacional. Aqui, concentro-me em dois, exclusivamente dedicados ao pensador, publicados ao longo da década de 1940, intitulados *Nietzsche do Lado da América* e *Assim falava Zaratustra*.

Nesses dois textos, Lúcio Pinheiro busca, por um lado, afastar o pensamento de Nietzsche da propaganda nazifascista e, por outro lado, situá-lo como precursor de sua doutrina da ritmanálise.

Para retomarmos a discussão, poderíamos começar nos perguntando se Lefebvre teria mesmo razão quanto a Nietzsche ter sido um “filósofo-poeta” que “só” pressagiu “a importância do ritmo”²⁶. Autor relevante para a fortuna crítica e a recepção de Nietzsche na França do período entre guerras, em seu livro intitulado *Nietzsche*, de 1938, Lefebvre também combate as interpretações nazistas de Nietzsche. Todavia, ele mesmo e, de modo geral, tampouco os comentadores e intérpretes da *Nietzsche Forschung* se preocuparam em abordar a obra do filósofo sob a perspectiva do ritmo, de investigar a importância do ritmo para a composição de seus escritos, mestre que era no uso de repetições, de gradações controladas e de efeitos linguísticos, produzidos por sua prosa singularmente ritmada.

²⁶ LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*. Editions Syllepse, 1992, p. 18.

Sabe-se que Nietzsche interessou-se profundamente pela relação entre música e fisiologia. Em sua obra, encontram-se reflexões sobre o efeito “tônico” da música e seu poder de excitar a sensibilidade, de excitar o próprio pensamento, o sistema nervoso, principalmente quando se está sob estados de depressão fisiológica e psicológica. Ele investigou os poderes propulsores e “dinâmicos” da música, sua capacidade para evocar, impulsionar e regular movimentos psicológicos. Acreditava que o seu ritmo podia impelir e articular o fluxo de movimentos das emoções e pensamentos. Além disso, entendia que “a vitalidade e exuberância rítmica, a seu ver, expressavam-se com a máxima naturalidade na dança”. Ele mesmo dizia que quando filosofava estava executando uma forma de dança, sempre ouvia a música acentuadamente rítmica de Bizet, que era a mais apropriada essa forma de dança: “Bizet me faz fecundo”, dizia²⁷. Ao contrário, já a música da última fase de Wagner, constitui-se, segundo Nietzsche: como “o patológico na música”, marcada por “uma degeneração do ritmo”. Considera o músico um perigo, uma vez que ele “subverteu o pressuposto fisiológico da música anterior”, e por isso sua música “soa como paradoxia e blasfêmia rítmica [...] a completa degeneração do sentimento rítmico, o caos no lugar do ritmo”²⁸.

Se, de fato, Nietzsche não desenvolveu de maneira detida e sistemática o significado do termo, não obstante, deixou reflexões sobre o seu conceito de *Rhythmus*, seja em aforismos e obras, em textos que datam desde a juventude até a maturidade, em fragmentos e obras preparadas para publicação. Tomemos, a título de exemplo, a seção 84 d’A *gaia ciência* e as seções 2 e 3 de *Ecce Homo*, dedicadas ao livro *Assim falou Zaratustra*. Em ambos, observa-se que o filósofo enfatiza a importância do *Rhythmus*; no primeiro, quanto à vida dos antigos gregos, pois nele vê nada menos do que a origem da poesia, da fala ritmada, ressalta sua estima e presença nos seus rituais, nos seus costumes, nas suas relações com os deuses, com a música, a dança, a saúde, com o impulso criador; no segundo, revela a seriedade fundamental do *Rhythmus* para a sua própria vida, bem como para a criação de seu *Zaratustra*.

Ao ponderar sobre a *origem da poesia*, nos oferece, na seção 84 d’A *gaia ciência*, uma meditação sobre a dimensão terapêutica do *Rhythmus* para a vida dos Antigos. Esta terapêutica se realizaria por meio do ritmo da música, que teria, entre eles, o poder de

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner: um problema para músicos*. “O caso Wagner, Carta de Turim, maio de 1888”, § 1. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 12.

²⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. “Wagner como perigo”, § 1. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 55.

desafogar os afetos, de purificar a alma, de abrandar a ferocidade do ânimo: “– e isto precisamente pelo ritmo da música” (*Rhythmische in der Musik*). Aponta que entre os pitagóricos essa terapêutica do ritmo “aparece como doutrina filosófica e artifício pedagógico”. O tratamento era realizado por meio da dança: “seguindo a cadência do cantor – era a receita da terapia” a ser praticada pelos que perdiam “a justa tensão e harmonia da alma”. Tal ocorria porque, fosse nos cânticos rituais ou profanos, acreditava-se “que o ritmo” era capaz de exercer “uma força mágica”, de coagir os deuses e o futuro: “Tal como a fórmula é anunciada” (diz ele sobre o que significava, para os antigos, fazer uma profecia), se realizada de maneira “ritmicamente exata, ela obriga o futuro; mas ela é invenção de Apolo, que, como deus dos ritmos, pode também obrigar as deusas do destino”. O mote de Nietzsche na seção é que um sentimento rítmico assim tão fundamental não pode simplesmente desaparecer ou ser erradicado. De maneira tal que, mesmo “ainda hoje, após milênios”, ver-se que “até o mais sábio entre nós é ocasionalmente turbado pelo ritmo, quando mais não seja por *sentir como verdadeiro* um pensamento que tenha uma forma métrica e surja com um divino sobressalto”²⁹. E é precisamente esse mote que, indiretamente, será retomado em *Ecce Homo*, quando conta para si mesmo como e qual foi a sua experiência rítmica na criação do seu *Zarathustra*.

Realmente, dentre as obras de Nietzsche, bem sabemos que *Zarathustra* se destaca, não somente pela sua profundidade filosófica, mas principalmente por sua forma poética, rítmica, vibrada e lírica. É o próprio Nietzsche, na sua autobiografia intelectual, o primeiro a discorrer explicitamente sobre “as relações rítmicas” que lhe proporcionaram a “experiência da inspiração” sob à qual compôs essa sua obra. Observa que entre “os pressupostos fisiológicos” de sua “*grande saúde*” encontra-se “a necessidade de um ritmo *amplo*”, capaz de lhe proporcionar “a medida para a potência da inspiração”. Diferente da superstição e da revelação, que apenas alcançam ou expressam o estado de fato, e não propriamente o estado lírico de poesia, revela que sua concepção de inspiração é semelhante a uma necessidade, algo como um relâmpago: “sem hesitação na forma – jamais tive opção”. Indica que sua inspiração necessita e expressa-se por “um instinto para relações rítmicas que abarca imensos espaços de formas”³⁰. Seu *Zarathustra* aparece, segundo as considerações retrospectivas de seu autor, como a expressão de sua mais

²⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. “Da origem da poesia”, § 84. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 111-113.

³⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. “Assim falou Zarathustra Um livro para todos e para ninguém”, § 2 e § 3. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 84-86.

profunda inspiração rítmica. Tanto que, sua ideia central, o pensamento do eterno retorno, foi desenvolvido menos em prosa e mais sob a forma poética: marcadamente pelo compasso dançante das variações rítmicas dos discursos da personagem que dá título à obra mais *clichê* de Nietzsche.

Nietzsche praticava, então, o que chamou de “A arte do *grande* ritmo, o *grande estilo* dos períodos, para expressar um imenso fluir e refluir de paixão sublime, sobre-humana [...]”. Segundo ele mesmo, precisamente isso: “foi descoberto somente por mim; com um ditirambo como o último do *terceiro Zarathustra*, intitulado “Os sete selos”, voei milhares de milhas acima e além do que até então se chamava poesia”³¹.

Ao contrário de Lefebvre, Lúcio Pinheiro dos Santos enxergou e enfatizou com precisão a importância que Nietzsche atribuía às relações rítmicas, propiciadoras da grande saúde, da elevação de potência criadora. Relações rítmicas essas responsáveis pela expansão do sentimento de potência, pelo aumento da vontade de potência criadora e não, como persistia à época, como vontade de dominação, superioridade e arrivismo. Na contramão do reacionarismo que teimava em comprometer o pensamento de Nietzsche com os totalitarismos, Lúcio Pinheiro procura revelar a vertente e o sentido artístico-criador da sua obra; explora e oferece contornos diferentes para conceitos, doutrinas, teorias e que à época já não passavam de jargões gastos, desvirtuados pelas falsificações levadas a cabo por Elisabeth Förster, que tanto repercutiram entre ideólogos conservadores brasileiros. É diante desse cenário negativo que Lúcio Pinheiro busca devolver à filosofia de Nietzsche o seu aspecto de invenção engenhosa, em consonância com uma rítmica cosmológica, ligada à alegria da gaia ciência, com a afirmação do eterno retorno, com a vontade de potência criadora.

No texto intitulado *Nietzsche do Lado da América*, estampado no *Diário Carioca*, a 12 de janeiro de 1942, quando ainda faltava três anos para o fim da Guerra, Lúcio Pinheiro proclama que a “Alemanha perderá”, ensejo que lhe serve para argumentar e defender que Nietzsche, embora alemão, se estivesse vivo, estaria do lado da América. Enquanto a Alemanha Nazista se decidia pela Guerra, Lúcio publica esse artigo numa “Edição Comemorativa da Conferência Panamericana dos Chanceleres” do diário carioca. O objetivo de seu texto, que ocupa uma página inteira do tabloide, é bem expresso no trecho a seguir:

³¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. “Por que escrevo tão bons livros”, § 4. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 57.

Não é nosso propósito, apenas, indicar aqui o caminho possível de uma reabilitação de Nietzsche arrancando-o à degradação a que o sujeitou, endeusando-o, a propaganda alemã, sem o menor escrúpulo. Foi o que fez Heinrich Mann, muito a propósito. É nosso intuito, especialmente, aproximá-lo do seu verdadeiro sentido, referindo-o ao momento atual, quando a “vontade de poder”, vontade humana, está ao lado da Grã-Bretanha, da América, da Rússia e da China, – contra a Alemanha³².

Para alcançar o seu propósito e aproximar o filósofo ao “seu verdadeiro sentido, referindo-o ao momento atual”, se serve de “um texto do próprio Nietzsche, sobre Heráclito, traduzido e apresentado por Henri Jean Bolle em um número da ‘*Mercure de France*’ de 1938”.

Mas não se satisfaz em apenas trabalhar pela reabilitação da obra do pensador. Mais adiante no texto, posiciona-o como precursor de sua doutrina da Ritmanálise, ao considerar que

Nietzsche adota a variedade dos pontos de vista, a multiplicidade das perspectivas, a contradição dos valores, – antecipando-se ao que faz hoje a moderna ritmanálise, intuição nova, solidamente fundada na Metafísica dos princípios matemáticos da física ondulatória contemporânea. Se Nietzsche vivesse hoje, também não estaria longe de admitir conosco que o tempo não é uma duração indiferente, a qual o ser confia a sua vida mental, mas um ato criador pelo qual o espírito “se realiza”³³.

Por fim, no ensaio intitulado *Assim falava Zaratustra*, publicado em 1945, no *Diário de Notícias*, Lúcio Pinheiro aprofunda sua tentativa de reabilitar a filosofia e a figura de Nietzsche dos “boçais nazistas”. Segundo Lúcio, “apesar deles, Zaratustra conserva a sua altura, e deve agora ser reabilitado”³⁴. Para mostrar que sua filosofia se identifica com certa moralidade do vitalismo, porém, inteiramente oposto a tudo que cheira a totalitarismo, como indica o título, recorre a obra *Assim falava Zaratustra*. A julgar pela tradução “falava”, é possível que a sua fonte fosse a tradução portuguesa de Araújo Pereira, de 1913; depois, em 1936, revisada por José Mendes. Mas não desprezo a possibilidade de que também conhecesse a tradução de Henri Albert, editada pela *Mercure de France*.

Importa, porém, é realçar que nesse texto Lúcio Pinheiro aprofunda a sua participação no amplo e acirrado debate político e filosófico que, em grande parte, foi gerado por causa das falsificações de Elisabeth-Förster. Eis aí o seu principal valor, capaz também de expressar o valor inestimável de seu autor, que não foi um fantasma diante

³² SANTOS. “Nietzsche do lado da América”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 24/01/1942, p. 21.

³³ SANTOS. Op. Cit., p. 21.

³⁴ SANTOS, “Assim falava Zaratustra”. In: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25/02/1945, p. 01.

Nietzsche, precursor da Ritmanálise? A recepção luso-brasileira do pensamento nietzschiano pelo Filósofo fantasma Lúcio Pinheiro dos Santos

das adversidades e circunstâncias que lhe forçavam a permanecer no exílio, impedido de publicar sua obra como gostaria, expatriado até a morte, mas que enquanto esteve vivo, nunca se cansou de lutar contra a ditadura que lhe impedira de retornar à Portugal.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, Pedro. *O Filósofo fantasma – Lúcio Pinheiro dos Santos*. Portugal, Zéfiro, 1ª edição, 2010.

BACHELARD, Gaston. “La rythmanalyse”, in: *A dialética da duração*. Trad. Marcelo Coelho. 2º. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Abril Cultural, (Col. Os pensadores), 1978.

_____. *La dialectique de la durée*. Paris: Les Presses universitaires de France, Deuxième tirage de la nouvelle édition, 1963.

_____. *La psychanalyse du feu*. Paris: Éditions Gallimard, 1992. Collection: Folio/Essais. Première édition: 1938, Gallimard.

CUNHA, Rodrigo Sobral. *O essencial sobre Ritmanálise*. Portugal, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.

_____. *Gaston BACHELARD, La rythmanalyse*. Tradução de Rodrigo Sobral Cunha, precedida do estudo *A Filosofia do Ritmo Portuguesa: da Monadologia Rítmica de Leonardo Coimbra a Lúcio Pinheiro dos Santos e a Ritmanálise*. In *Philosophica*, n. 31, Lisboa, 2008.

JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*. vol. 2. Petrópolis, RJ: Vozes; SP: Faculdade Salesianas, 1997.

LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*. Editions Syllepse, 1992.

_____. *Rhythmanalysis. Space, Time and Everyday Life*. Translated Stuart Elden and Gerald Moore. London/New York, Continuum, 2004.

_____. *Critique de la vie quotidienne, 3: De la modernité au modernisme (pour une métaphilosophie du quotidien)*. Paris: l'Arche, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe, Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/1978. 15 vols. (Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari).

_____. *Ecce homo: como alguém se tonar o que é*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Geraldo Dias

_____. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O caso Wagner: um problema para músicos / Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

QUEIRÓS, Luís Miguel. *O estranho caso do filósofo sem obra*, in Público, 23/06/2010.

RÉGULIER, Catherine e LEFEBVRE. *Le projet rythmanalytique*. In: *Communications*, n. 41, 1985.

SANTOS, Lúcio Pinheiro dos. “Nietzsche do lado da América”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 24/1/1942, p. 21.

_____. “Assim falava Zaratustra”. In: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 25/02/1945, p. 01-5.

_____. “Ritmanálise”. In: *O Jornal*. Rio de Janeiro, 15/7/1945, p. 1-2.

_____. “Ritmanálise e Psicanálise”. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29/7/1945, p. 02.

_____. “Novos problemas”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 14/11/1943, p. 2-4.

Sites consultados

PORTAL DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Pesquisa sobre as publicações relacionadas a Lúcio Pinheiro dos Santos**. Disponível em <http://hemerotecadigital.bn.br/>.

PORTAL NIETZSCHE SOURCE. Disponível: <http://www.nietzschesource.org/>.

Recebido em 10/09/2018

Aprovado em 20/12/2018